



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Pinheiro Lima, André Ricardo; Danielle Silva, Érica; Almeida Marconi, Thaís  
Erotização, normalização e valorização: descontinuidades inscritas na (in)visibilidade dos corpos  
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 31, núm. 2, 2009, pp. 241-244  
Universidade Estadual de Maringá  
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426642015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Erotização, normalização e valorização: descontinuidades inscritas na (in)visibilidade dos corpos

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo 2: da Revolução à Grande Guerra**. Tradução: João Batista Kreuch, Jaime Clasen; revisão da tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. 511 p. ISBN 9788532636263.

**André Ricardo Pinheiro Lima, Érica Danielle Silva\* e Thaís Almeida Marconi**

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência.  
E-mail: erica\_dsilv@yahoo.com.br

Com o objetivo de dialogar com temáticas responsáveis pela visibilidade do corpo desde o Renascimento até o século XX, Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello reúnem em três volumes, sob o título *História do Corpo*, reflexões acerca do corpo, concebido por diversos campos sociais como um território simbólico-discursivo. Ao colocarem em prática tal projeto, os autores, de renome internacional, procederam à realização de uma obra que, ao lançar um olhar plural e de vertentes diversas sobre o corpo, buscava confirmá-lo como centro de estudos da história humana. A partir da singularidade que caracteriza o conjunto dos três volumes, das possibilidades de reflexão e de diálogo com outras áreas do conhecimento, dentre as quais a da Análise do Discurso, debruça-se, em especial, naquilo que foi apresentado no segundo volume, no qual o corpo é apresentado como objeto da ciência. Esse mesmo corpo, ainda subjacente às influências da religião, é dissecado, avaliado, manuseado, estudado pelos médicos, o que acaba por culminar na produção de verdades de uma época, numa perspectiva que remete à foucaultiana.

Dividido em três partes, o segundo volume, denominado *História do corpo: da Revolução à Grande Guerra*, propõe reflexão acerca dos efeitos de verdade sobre o corpo entre o fim do século XVIII e meados do século XX, localizando as rupturas e descontinuidades que possibilitaram olhares e práticas diferenciados da ciência médica sobre o corpo trabalhado e modelado, os quais ainda sustentam, em grande parte, as práticas contemporâneas. Destacam-se, na discussão apresentada, as contribuições dos estudos de Michel Foucault sobre a sexualidade e sobre os mecanismos de repressão e vigilância. Além disso, é possível considerar que o livro ultrapassa os propósitos da história tradicional e dialoga com o projeto arqueogenialógico de Foucault ao definir o papel do

historiador como aquele que tenta perceber como se realizam as combinações de crenças e convicções que, em última instância, determinam as práticas sociais.

Na primeira parte do livro, *Olhares cruzados sobre o corpo*, a abordagem do corpo gira em torno do religioso, do medicinal e do estético. Trata-se de um período em que, mesmo sob a influência da religião, a ciência torna o corpo objeto de seus estudos. No primeiro capítulo, intitulado *O olhar dos médicos*, Olivier Faure sustenta que não é possível, atualmente, falar do corpo e de seu funcionamento sem lançar mão da terminologia médica. A premissa do autor é a de que a apropriação dessa terminologia permitiu ver o corpo como um objeto exterior, do qual, conseqüentemente, era possível afastar-se. Essa mesma premissa possibilitou ver as causas das doenças como um fator que se estende para além do saber médico contemporâneo, estando ligadas ao modo de vida do indivíduo, à ideia de hereditariedade, ao destino ou à culpa. Essas crenças foram frutos, diz o autor, das representações médicas surgidas no século XVIII, as quais buscavam fazer do corpo um organismo dependente do ambiente e do comportamento do seu possuidor. As abordagens ambiental e global de um lado, fisiologista e localista de outro, longe de serem concorrentes, constituem os dois pilares da medicina atual e se complementam, embora a segunda perspectiva, por ser mais técnica e mais revolucionária, tenha adquirido maior prestígio nas imaginações sociais do que a primeira. Para o autor, a transformação da medicina no principal guia de leitura do corpo comprova que a ciência médica tem sua elaboração no cerne social e não em recônditos científicos subtraídos da realidade. O estabelecimento de uma medicina tecnicista, cujo objeto é um órgão ou uma disfunção, e não mais o indivíduo ou o corpo

doente, deve ser percebido como expressão de um novo humanismo. Ainda que manifestasse fôlego já nos tempos de Hipócrates, o movimento da medicina clínica somente se fixou maciçamente após a primeira metade do século XVIII, quando, movidos por aspirações militares ou econômicas, os soberanos absolutos voltaram-se para a saúde do povo. Nesse contexto, com a criação da medicina anatomoclínica, o corpo morto se torna tão importante na medicina quanto o corpo vivo. Contudo, a necessidade de agir, sem, necessariamente, esperar pela morte do paciente, levou os médicos a buscar um meio de “tornar visível o interior do corpo humano, e fazer uma espécie de autópsia sem dissecação”, razão pela qual a introdução da anestesia no meio médico gerou entusiasmo na maioria do terreno medicinal. O seu uso, todavia, implicou transformações na relação dos pacientes com o médico, as quais não necessariamente favoreciam os primeiros. Isso porque a anestesia priva o paciente de qualquer controle sobre a operação; além disso, expõe o doente a riscos preocupantes.

No segundo capítulo, denominado *A influência da religião*, Alain Corbin trata dos novos conceitos e representações que anunciam o século XX, marcando o fim do século XIX, um período de desencantamento com o mundo e de queda da prática religiosa, pelo menos entre os homens, uma vez que foi com as mulheres que a Igreja contou para manter a sua influência. Apesar disso, foi no século XIX que se viu aprofundar, nas populações fervorosas, a espiritualidade e a moral tridentinas. Desta feita, Corbin ressalta que seria “condenar-se à incompreensão da cultura somática do século XIX” ignorar o peso da religião cristã sobre o corpo e suas representações. Não se pode tirar da mente que, por se fundamentar na encarnação da divindade, o cristianismo toma o corpo de Cristo como centro de seu sistema de crenças. Além disso, aos olhos católicos, a Igreja é a expressão do corpo do Jesus ressuscitado, conciliador dos vivos e mortos. É o corpo também templo do Espírito Santo e receptáculo do Cristo da Eucaristia. Segundo Corbin, a espiritualidade do século XIX debruçou-se insistentemente sobre o doloroso corpo do Cristo Redentor. Práticas como a via-sacra e a recitação do rosário convidam a reviver as torturas experimentadas por Jesus, cujo sangue recobre o corpo e circula na história. A consagração da França ao Sagrado Coração de Jesus e incontáveis procissões e cânticos somente contribuíam para difundir o dolorismo, a exaltação ao sagrado órgão. A partir da

metade do século, esse dolorismo cedeu espaço a uma mariofononia, o culto à virgindade mariana, responsável, em parte, pelo surgimento de uma preocupação do clero com as jovens, sobretudo no que se referia à dança ou à relação com a música.

*O olhar dos artistas* é o título do terceiro capítulo, no qual Henri Zerner ressalta a grande notoriedade que ganhou o nu entre os artistas, em meados do século XIX. Para estes, o nu é sempre o que mais se aproxima do ideal para ser representado, dado que, do mesmo modo que as vestes servem para ocultar o corpo, elas acabam por revelá-lo, denunciar seus contornos. Todavia, se, na arte, o século XIX foi a época da pudibundaria por excelência, na vida cotidiana, o corpo, sobretudo o da mulher, nunca foi tão cuidadosamente protegido. Zerner chama a atenção tanto para a invenção e o rápido desenvolvimento da fotografia, em 1839, quanto para o grande impacto que isso causou nos hábitos artísticos e visuais do século XIX. Conforme o autor, o simbolismo também marcou fortemente o fim do século XIX e influenciou decisivamente a estética do século XX. Esse movimento, mesmo não tendo definidos os seus contornos em termos de artes plásticas, pregava a primazia da emoção sobre a percepção. Para os simbolistas, o corpo é o marco de uma misteriosa e inacessível realidade. Decorre daí o que se verá em *As imagens sociais do corpo*, cuja autora, Ségolène Le Men, toma as pinturas de Delacroix como estopim da construção de uma nova linguagem corporal, assentada na observação das vestimentas, da fisionomia e da silhueta dos contemporâneos. De modo geral, os artistas da segunda metade do século XIX primavam por obras que punham em evidência a preeminência das classes sociais abastadas, cujos procedimentos eram imitados para gerar o deboche. Nesse contexto, figuras de aspectos monstruosos, desafiando as normas do belo, eram, na realidade, o retrato do indivíduo, de uma civilização envelhecida, das aberrações da natureza humana.

Na segunda parte do livro, *Prazer e dor: no coração da cultura somática*, dividida em dois capítulos, Alain Corbin traça um percurso histórico sobre a intervenção da ciência nas questões do prazer sexual, do corpo e da dor enquanto técnica de repressão. No primeiro capítulo, *O encontro dos corpos*, o estudioso vê a sexualidade como um assunto degradante para o século XIX, principalmente no que tange à satisfação do prazer. Em consonância a essa positividade, Corbin faz referência aos mecanismos de poder que controlam e estimulam o corpo a uma vontade de saber, abordados nas pesquisas de Michael Foucault. Nessa perspectiva, Corbin questiona se a economia

de mercado e a Revolução Industrial favoreceram a repressão sexual ou permitiram uma liberação de pulsões. De um lado, alguns autores afirmam que a noção de civilização foi antagonista da livre satisfação do desejo. Em contrapartida, outros a têm como referência de uma primeira etapa da revolução sexual em meados do século XX. A Revolução Industrial, ainda que seja considerada um grande catalisador da prostituição, uma vez que, em seu período, surgiram os grandes cinturões de pobreza nas grandes cidades, não possibilitou a libertação sexual das mulheres, principalmente das classes operárias. O autor ainda aborda as diferenças sexuais existentes entre o homem e a mulher, e o tratamento dispensado à libido feminina no decorrer da história, tratamento este que acabou por estabelecer a subordinação da mulher, marcando as relações sociais. O autor percorre também o campo da sexualidade ao tratar da relação entre homossexuais, cujas práticas, dado o tratamento de antifísico, evidenciavam a monstruosidade de seus praticantes. Ao final do século XIX, o prazer e a volúpia deixaram de ser considerados apenas na perspectiva da procriação, e o hedonismo recebeu uma nova legitimidade, enquanto prática de valorização do prazer sexual.

Por outro viés, em *Dores, sofrimentos e misérias do corpo*, o suplício é visto como realidade antagônica ao prazer. A inscrição de pena sobre o corpo culpado cumpre a restituição da soberania lesada e configura um lugar de poder. Nessa perspectiva, a guilhotina se instituiu como uma ruptura que não permitia a redenção do acusado e se configurou como objeto simbólico de punição, no imaginário do século XIX. A prisão, por sua vez, encerrava a exposição pública dos corpos no processo de punição e promovia a sua docilização por outros dispositivos de poder, como o aprisionamento e as condições precárias das penitenciárias. Por fim, Corbin aborda a transformação do estatuto da dor, a qual passa a ser articulada a aspectos emocionais. A princípio, a dor era tida como marcas deixadas no corpo para a provação da alma. No entanto, a evolução da medicina, pelos métodos de analgesia e anestesia, promoveu uma intolerância à dor e ao sofrimento humano, impondo-se, desse modo, um discurso de sensibilidade a todo tipo de degradação da integridade humana.

A terceira parte do livro, *O corpo corrigido, trabalhado e exercitado*, é composta por três capítulos. O primeiro, *Nova percepção do corpo enfermo*, de Henry-Jacques Stiker, problematiza o tratamento simbólico de monstruosidade atribuído pelo imaginário social ao corpo enfermo empírico, entre o fim do século XVIII e meados do século XX.

Stiker traz para a discussão o dilema desse período: como normalizar o corpo enfermo e fazer com que sua visibilidade deixe de ser somente feia e pavorosa? O estudo aborda o tratamento ainda confuso dispensado ao “monstro” no início do século XIX, em que se dá uma ruptura a partir da corrente racionalista, que postula que um monstro não é totalmente monstro; ele é humano, com regularidades de um lado e irregularidades de outro. Stiker propõe ainda observar a indústria de produções de monstros, tema contemplado em museus, na literatura, no cinema e nos espetáculos dos circos da época. Por fim, ressalta-se no capítulo outra ruptura na representação e tratamento do corpo enfermo: mesmo não afastando totalmente a estigmatização, o corpo enfermo, sob o prisma do corpo acidentado pelo trabalho ou pela guerra, passa a ser uma responsabilidade coletiva e social, resguardado pela bandeira do direito à igualdade de oportunidades e participação social.

O segundo capítulo, intitulado *Higiene do corpo e trabalho das aparências*, de Georges Vigarello, aborda as práticas do banho e da água, adotadas no século XIX, e que provocaram a conversão de representações da cidade e do corpo. O estudo revela uma prática trabalhosa no contato com a água e a utilização de outros recursos para a limpeza, como a troca de roupa branca e as lavagens parciais. Vigarello destaca também que, com a transformação do olhar sobre a água, o banho adquiriu outro estatuto: mesmo sendo ainda privilégio da burguesia, as salas de banho representaram tanto uma conquista espacial como psicológica, considerando a intimidade que esses lugares impunham. O processo lento de popularização da água também é abordado no capítulo, assim como a preocupação com a engenharia sanitária, já em meados do século XX.

O tema central do terceiro capítulo, *O corpo trabalhado – ginastas e esportistas no século XIX*, de Georges Vigarello e Richard Holt, é a evolução da ginástica e das práticas esportivas, especialmente na Grã-Bretanha. Uma das principais rupturas no século XIX, apontada pelo estudo, é a análise do movimento: não só se apreciava o desempenho, mas a força física deveria ser calculada segundo unidades de medida universalmente comparáveis. Ao deixar de ser apenas um prazer, o esporte passa a corresponder ao equilíbrio entre corpo e espírito. O corpo do esportista, conseqüentemente, era marcado por esses significados, cujo grau dependia da atividade exercida, da classe social e da nação. Vigarello e Holt argumentam que o sucesso do esporte foi garantido por exprimir o que o homem ideal deveria ser aos olhos da burguesia: vigoroso, decidido, competitivo e capaz de controlar a si

mesmo e aos outros. Nessa perspectiva, a ordem dos capítulos da terceira parte desta obra parece apontar para um processo de normalização do corpo, por meio de dispositivos de segurança, tais como a higienização e a prática esportiva.

Ao mobilizar a centralidade do corpo como objeto de estudo, nota-se a importância da recuperação de sentidos e do já-dito que constituem o corpo para que se possa compreender ressignificações mais atuais deste objeto. As três partes do livro concentram-se nas descontinuidades sobre esse tema, sobretudo no século XIX, em que há uma ruptura no campo da ciência, impulsionada pela Revolução Industrial. Verifica-se a forma como a religião, a medicina e a arte abordam e concebem o corpo, instaurando suas práticas no âmbito social. *História do corpo: da Revolução à Grande Guerra* evidencia os tabus acerca do corpo perpassado pela anatomia físico-clínica, pelo processo de erotização

do corpo, pela normalização do corpo enfermo e pela valorização do corpo útil e saudável, inscrevendo-os como paradigmas na modernidade. Por fim, a contribuição desta obra, dada a riqueza de suas pesquisas, atravessa os diversos campos de estudos, desde as ciências das linguagens até os terrenos biológicos, razão pela qual se justifica a sua inserção e publicação nos espaços de pesquisas acadêmicas, constituindo-se leitura singular para pesquisadores que possuem o corpo ou seus possíveis desdobramentos como objeto de estudo.

*Received on July 1, 2009.*

*Accepted on July 16, 2009.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.